



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**DESPERTAR O DESEJO PELO APRENDER NOS ADOLESCENTES:
ISSO É POSSÍVEL?**

Claudete Lourdes Lamb Regla

Porto Alegre, 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
INTERVENÇÃO PSICANALÍTICA NA CLÍNICA
DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

DESPERTAR O DESEJO PELO APRENDER NOS ADOLESCENTES:
ISSO É POSSÍVEL?

Monografia para conclusão do curso de Pós-graduação Intervenção Psicanalítica na Clínica da Infância e Adolescência, sob orientação da professora Roselene Gurski.

Claudete Lourdes Lamb Regla

Porto Alegre, 2017

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão, a partir da teoria psicanalítica e de algumas experiências vivenciadas em atendimentos psicopedagógicos com adolescentes sobre os fatores da adolescência e algumas questões que podem desencadear o que denominamos de dificuldade de aprendizagem. As preocupações e queixas trazidas pelos pais durante os atendimentos, levaram-me a buscar a psicanálise como uma forma de entender melhor o desenvolvimento emocional do sujeito, bem como sua constituição psíquica. Hoje em dia, nos deparamos com a adolescência tomada por um consumismo com atrativos cada vez mais, interessantes que desviam a atenção para longe dos assuntos escolares. Geralmente deparo-me com pais angustiados e aflitos por não conseguirem dar conta de suas obrigações como pais, alguns por terem dupla jornada e não poderem dedicar-se como gostariam aos seus filhos. Isso tudo tem gerado conflitos entre pais e filhos, ansiedade e angústias nos membros da família. A maior demanda, atualmente, é a busca por solucionar este problema, ou seja, terceirizar algumas responsabilidades, principalmente as escolares. Neste trajeto é evocado o desejo do educador despertar nos adolescentes o desejo pelo aprender: isso seria possível?

Palavras-chave: adolescência - aprendizagem – desejo

ABSTRACT

This work presents a reflection, based on psychoanalytic theory, on the factors of adolescence and some issues that can trigger in the learning difficulty. The concerns and complaints brought by the parents during the consultations led me to seek psychoanalysis as a way to better understand the subject's emotional development as well as his psychic constitution. Nowadays, we are faced with the adolescence taken by a consumerism with attractive, increasingly interesting, that distract attention away from school subjects. I often find myself in distressed and distressed parents for failing to fulfill their obligations as parents because they have a double journey and can not devote as they would like to their children. All this has generated conflicts between parents and children, anxiety and distress in family members. The greatest demand, today, is the search to solve this problem, that is, to outsource some responsibilities, especially the school ones. On the other hand, the question arises of the teacher's desire, as an educator, to awaken in adolescents the desire to learn: would this be possible?

Keywords: adolescence - learning - desire

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 6 |
| PAIS DESNORTEADOS, FILHOS DESORIENTADOS? | 9 |
| O ESTÁDIO DO ESPELHO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL | 9 |
| CONSTITUIÇÃO E ESTRUTURA PSÍQUICA DO SUJEITO | 13 |
| MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO NA ADOLESCÊNCIA..... | 17 |
| DESPERTAR O DESEJO PELO APRENDER NOS ADOLESCENTES: ISSO É POSSÍVEL? | 20 |
| CONFLITOS FAMILIARES..... | 23 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 25 |
| REFERÊNCIAS..... | 30 |

INTRODUÇÃO

O trabalho psicopedagógico com crianças e adolescentes incita a investigação e a reflexão sobre o comportamento e as causas que levam os indivíduos a apresentarem dificuldades de aprendizagem e/ou fracasso escolar. A meu ver, o diagnóstico psicopedagógico tornou-se insuficiente, o que me levou a buscar os estudos psicanalíticos como uma ferramenta a mais para auxiliar-me nos atendimentos junto às famílias. Percebo, a cada dia, crianças e adolescentes desinteressados, desestimulados e, muitas vezes, apáticos em relação às atividades que envolvem os conteúdos escolares.

A partir do trabalho com estes jovens e suas famílias, na maioria das vezes, a busca pelo atendimento psicopedagógico apresenta características semelhantes. Fatores como desmotivação, indiferença, desinteresse e descaso com as atividades escolares são recorrentes. A queixa mais frequente dos pais é em relação aos filhos não quererem nada com nada. Alguns pais relatam que mesmo proibindo o uso do computador ou tirando o celular, os filhos não se importam, é como se nada acontecesse. Esta demanda deve ser analisada, de modo que se possa entender que discurso circula em tal queixa.

Durante um atendimento psicopedagógico percebo que o comportamento do adolescente é nitidamente diferente quando a proposta a ser trabalhada envolve uma atividade lúdica, como um jogo ou uma produção com desenhos. Aquele ser desinteressado, inquieto, disperso e impaciente torna-se atento, concentrado e envolvido diante de uma proposta diferente a de fazer exercícios. Muitos gostam de conversar e fazem perguntas sobre diversas situações que não envolvem o conteúdo escolar.

Quando falamos em atenção, concentração e interesse, estamos nos referindo à capacidade de conscientização, de vontade e de motivação. Essas atividades mentais exigem do indivíduo uma postura corporal onde todo o seu ser permanece dirigido e orientado para aquilo que lhe interessa.

Diante desses fatos, ficam algumas perguntas: O que está por trás da queixa dos pais, desse “nãotô nem aí”? Estamos diante de pais desnorteados e de filhos desorientados? O adolescente, ao manifestar o desejo de conversar, estaria manifestando a necessidade de ser ouvido? Seria dificuldade ou falta de interesse? Nesse sentido, as contribuições da Psicanálise são fundamentais, pois, através delas, poderemos entender melhor o desejo do profissional, seja professor, psicopedagogo, entre outros, desejo que o leva a encaminhar de tal forma sua inquietação em relação às questões.

A maioria dos pais e educadores de adolescentes relata que os filhos e alunos que apresentam fracasso escolar não demonstram interesse em aprender. Há uma preocupação, principalmente dos pais que não podem ficar com seus filhos nos horários em que estes não estão na escola. Alguns pais, por trabalharem fora, convivem com a dificuldade de supervisionar aquilo que seu filho costuma fazer neste período. Por exemplo, controlar o tempo que eles ficam no computador, com quem eles falam, enfim, há uma série de opções na internet que podem se tornar influências negativas, caso não sejam bem utilizadas e ou supervisionadas pelos adultos responsáveis.

O trabalho psicopedagógico com os adolescentes, geralmente, me é solicitado com o intuito de acompanhá-los nos estudos e na sua organização com materiais. No dia a dia, uma pergunta é recorrente: como se “desperta” o desejo pelo aprender? Alguns princípios básicos de convivência como a disciplina e o respeito às regras, até mesmo aos pais e aos educadores, estão se perdendo. Sendo assim, como se dá a transmissão desses princípios?

Existem algumas situações onde nem sempre a resposta dos filhos adolescentes aos pais, empenhados e dedicados em fornecerem aos seus amados filhos uma educação de qualidade, é satisfatória ou a esperada pelos pais. É recorrente ouvir destes o seguinte argumento: “Faço tudo e dou tudo o que ele pede e não adianta, ele nunca está satisfeito. Não sei mais o que fazer...”

Os pais estão, cada vez mais, preocupados em dar aos filhos o melhor, aquilo que não tiveram. Os filhos não precisam mais pedir ou nem mesmo desejar ter alguma coisa. Um celular novo, jogos de computador, cujos pais nem sabem o conteúdo, entre outras coisas. O consumismo, o objeto, está substituindo o companheirismo. Pais e filhos pouco conversam e, quando dividem o mesmo espaço, cada um está conectado com o seu mundo virtual.

Este trabalho tem por objetivos fazer uma reflexão acerca das questões que emergem a partir da minha experiência nos atendimentos com adolescentes. Identificar os fatores que possam estar tumultuando as relações entre pais e filhos e entender como a questão do desejo opera tanto do lado do profissional (professor, psicopedagogo, psicanalista, etc.) como do sujeito (aluno, analisante, paciente).

Fraga (2015), em seu artigo publicado na Folha de São Paulo, cujo título, *A educação não cognitiva ganha espaço*, fala sobre os cinco atributos da psicologia: A autodisciplina, que abrange características como a organização a persistência e a resiliência; A abertura; A experiência, incluindo a curiosidade e a criatividade; A extroversão; A amabilidade e a instabilidade emocional. A partir de pesquisas realizadas a autora constatou que o impacto dessas características sobre resultados concretos na vida de crianças e adolescentes tem dois motivos principais:

O primeiro é a indicação de que traços de personalidade podem ter impacto próximo, igual ou até maior do que a inteligência na determinação do sucesso escolar. Crianças curiosas e com maior propensão a cooperar com os demais tendem a atingir maior escolaridade do que outras que não tenham essas características bem desenvolvidas. (Folha de São Paulo 15/03/2015).

Podemos entender que, sendo a curiosidade uma qualidade inerente ao ser humano, é importante proporcionar ao indivíduo a oportunidade de aprender através da sua própria busca auxiliar no despertar do desejo, da iniciativa e da criatividade. Nesta proposta a pesquisa abre portas para um trabalho mais consistente e envolvente.

Pressupondo que a criatividade é um processo de investigação e questionamentos, cujas características são a subjetividade, a autonomia e a originalidade, entendo o criar como um processo inerente ao ser humano. Vejo o ambiente no qual o indivíduo está inserido, a cultura, o contexto social e familiar como fatores determinantes da criação do sujeito.

Segundo Winnicott (1985), os fatores ambientais, bem como a realidade externa, ligados ao indivíduo, têm grande influência no seu processo criativo.

A criatividade que estamos estudando relaciona-se com a abordagem do indivíduo à realidade externa. Supondo-se uma capacidade cerebral razoável, inteligência suficiente para capacitar o indivíduo a tornar-se uma pessoa ativa e a tomar parte na vida da comunidade, tudo o que acontece é criativo. Exceto na medida em que o indivíduo é doente, ou foi prejudicado por fatores ambientais que sufocaram seus processos criativos. (p.98-99).

Sendo assim consideramos o quanto é importante para a criança e ou adolescente a convivência em um ambiente com condições favoráveis para desenvolver uma capacidade intelectual e criativa. Por outro lado, aquele indivíduo carente de afeto, atenção e de necessidades básicas, ou até marginalizado, estará propenso a desenvolver uma capacidade de desenvolvimento intelectual, cognitivo e criativo limitada. Quando falamos em criatividade, ela não depende de classe social ou de ter os melhores brinquedos ou equipamentos. É preciso que o sujeito, ao estar

em contato com o objeto seja capaz de estabelecer uma associação com aquilo que recebe e lhe é transmitido pelo contexto em que vive.

PAIS DESNORTEADOS, FILHOS DESORIENTADOS?

Os adolescentes da contemporaneidade não conseguem adaptar-se nem acompanhar o mundo adulto. A impressão que se tem é que os adultos estão retardando cada vez mais a “adulterez”. Podemos dizer que há certa resistência em aceitar que o tempo passa e que envelhecemos. Isso pode resultar numa carência de simbolização e numa “falha” na construção da subjetividade. Em alguns casos vemos certa inversão de lugares onde os filhos comportam-se como adultos e os pais como os adolescentes.

Sobre a ausência ou adiamento da experiência desses jovens, Gurski (2012) chama atenção para algumas questões em torno de uma análise do dialeto violento dos jovens na contemporaneidade.

Assim, analisar o dialeto violento dos jovens da atualidade a partir da noção de esvaziamento da dimensão da experiência é também uma forma de interrogar como operamos com a falta de hoje. Como se transmite a falta? Sua transmissão acontece nas relações entre adultos e jovens, entre pais e filhos? Como os adultos lidam com o par Desejo e Falta? Qual relação pode ser estabelecida entre o empobrecimento da experiência e a “falta da falta” nas transmissões educativas da atualidade? (p. 31-32).

Esses fatores nos remetem a pensar sobre as relações familiares. Algumas questões que chegam a mim através da fala dos pais, tais como: “Meu filho passa o tempo todo dentro do quarto, trancado, na frente do computador ou no celular, não sei mais o que faço!” Partindo dessa fala, me questiono: Como os pais tratam seus filhos? Como os pais enxergam seus filhos? Eles conversam com os filhos? Sobre o quê conversam? Como conversam? Eles escutam seus filhos? Como é essa escuta? Quanto às regras e limites, eles existem? Se existem, são cobrados e cumpridos? Se não, como procedem?

O ESTÁDIO DO ESPELHO E O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

A criança, ao nascer, encontra-se em um estado de imaturidade. Sendo assim, não consegue compreender e reconhecer seu próprio corpo, como um ser único, nem mesmo coordenar seus movimentos. Seu corpo fragmentado, incapaz de reconhecer sua própria imagem refletida num espelho, necessita de uma pessoa, geralmente a mãe, para representar o Outro e fazer o reconhecimento desse corpo diante do espelho. O primeiro vínculo com o objeto externo é a experiência de mãe e bebê. A mãe, ao sustentar o filho no colo vai colocando limites, contornos e ao olhar para o bebê, este vai recebendo uma imagem. A criança se identifica com aquilo que ouve do Outro sobre ela.

Segundo Paola (2010), no texto *Adolescência virtual*, o *infans*, ao ver sua imagem refletida no espelho, além da duplicidade enxerga também a forma do *partenaire* e estabelece a identidade com ele na imagem do espelho. Esse momento é tomado de alegria, pois ambos se encontram unidos na mesma dimensão virtual. “*Sem essa dimensão virtual que une o infans com o partenaire adulto na imagem, não se poderia pensar no falo como aquilo que está por fora da imagem enquanto a dimensão virtual os projeta unidos no plano do espelho*”. (p. 32).

Para Winnicott (1975) em seu texto, *o papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*, sugere que o bebê, ao enxergar o rosto da mãe no espelho, vê a ele mesmo.

A mãe está olhando para o bebê e aquilo com o que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali. Tudo isso é facilmente tomado como evidente. Peço que isso, naturalmente bem realizado por mães que estão cuidando de seus bebês, não seja considerado tão evidente assim. (p. 154).

Com relação ao desenvolvimento emocional inicial, Winnicott (2000), aponta três processos que se iniciam muito cedo: a integração, a personalização e a realização. Segundo o autor, a integração inicia logo após o nascimento e aquele bebê que não teve uma única pessoa que lhe assistisse, teria uma desvantagem ao realizar a sua integração, ou talvez não consiga integrar-se ou manter essa integração de forma confiante.

A personalização satisfatória acontece, gradualmente, segundo Winnicott (2000), a partir da experiência instintiva, de estar sendo cuidado fisicamente. Quando isso não acontece, é possível, que o indivíduo crie um companheiro imaginário que o autor propõe como uma defesa, na medida em que ela contorna magicamente todas as ansiedades associadas à incorporação, digestão, retenção e expulsão.

A fantasia é mais primária que a realidade, e o enriquecimento da *fantasia com as riquezas do mundo dependem da experiência da ilusão*. [...] Para que essa ilusão se dê na mente do bebê, um ser humano precisa dar-se ao trabalho permanente de trazer o mundo para ele num formato compreensível e de modo limitado, adequado às suas necessidades. Por esta razão não é possível a um bebê existir sozinho, física ou psicologicamente, e de fato é preciso que uma pessoa específica cuide dele no início (p. 228-229).

Sendo assim, entende-se que o processo de integração é simplificado, quando o bebê é cuidado por uma única pessoa e uma única técnica. Isso quer dizer que quando o bebê é cuidado, desde o nascimento, por sua mãe biológica ou adotiva, a tendência é que ele venha a desenvolver sua integração e personificação de forma gradativa e simplificada. Já, quando o bebê é cuidado por uma série de enfermeiras ou diversas cuidadoras, é provável que este processo não aconteça fluentemente.

Em alguns casos que atendo, os adolescentes apresentam situações semelhantes, no que se refere ao meio familiar. A maioria são filhos de pais separados e que tiveram pouco contato com um dos genitores, ou o contato foi muito tumultuado. A seguir tomo alguns casos, em atendimento, como exemplo.

No caso de G, 15 anos, houve a recusa da mãe em aceitar o filho e sua ausência na educação primária. Pelo relato da mãe, inicialmente ela não o aceitava. Era ainda uma adolescente quando o menino nasceu. Ele ficou aos cuidados da avó paterna. Possivelmente tenha sido bem cuidado e assistido por esta. No entanto, a relação familiar era bastante conturbada. O ambiente ao qual essa criança estava inserida era muito tumultuado pelas brigas dos pais. Eles se separaram quando G tinha 3 anos de idade e ele e sua mãe foram morar com a avó materna. Quando G iniciou o período escolar vivia apenas na companhia da avó porque a mãe foi morar em outra cidade para estudar. A mãe casou-se e G foi morar com o casal aos seis anos de idade. A nova família é constituída pelo casal, G e uma irmã, filha desta nova união.

Devido a esses fatos podemos levantar a hipótese de que o desenvolvimento emocional desse menino pode ter sido bastante comprometido. Isso está se revelando através do bilhete que ele escrevera, recentemente, aos pais dizendo sentir a falta de carinho e abraço da mãe e que tenta

agradá-los, mas não consegue. Durante sua infância G passou por atendimentos com fonoaudióloga, psicóloga e aulas particulares devido ao seu atraso cognitivo, conforme apresentou um laudo neurológico. Hoje ele toma medicação para depressão e ritalina para déficit de atenção. Houve muitas faltas e abandonos dos atendimentos e terapias. Diante desses fatos, podemos entender esse comportamento da mãe, como a dificuldade em assumir o filho quando nasceu, perdura até agora, pois não consegue assumir o compromisso com as terapias bem como com os pagamentos das sessões.

No caso de F, 13 anos, o menino frequentava a mesma escola desde a educação infantil e até o 5º ano, enquanto era umi docência, ele estava conseguindo acompanhar os conteúdos e a turma. Porém, ao ingressar no 6º ano, com um professor para cada disciplina, o menino se viu totalmente desorganizado. A queixa era: não copiava a matéria, faltava muito às aulas e suas notas estavam muito baixas. Solicitei uma conversa com a mãe, pois ela o acompanhou de perto a fase inicial do filho na escola. Ela informou que o menino sempre tinha dificuldades de ir à aula. Costumava dizer que estava com dor de cabeça, ou enjoado, enfim, sempre apresentava um sintoma para não ir à escola. Ela disse que estava muito fragilizada com a sua doença – problema na coluna com dores insuportáveis, mal consegue se locomover, passa a maior parte do tempo deitada na cama anestesiada por medicamentos - e não tinha forças nem coragem para dizer-lhe que deveria ir e acabava o deixando ficar em casa. Em consequência disso, ele teve muitas faltas durante o ano.

Também comentou que achava que o filho tinha déficit de atenção, pois quando era pequeno, não soube dizer a idade exata, ele fez um exame onde foi diagnosticada esta dificuldade. Ele conviveu a maior parte da sua infância ao lado da mãe com problemas emocionais - a mãe passou um tempo internada na Pínel por apresentar Transtorno de Ansiedade Borderline - que refletiram no menino. Ficava com o pai aos finais de semana e este passou a acompanhar as questões relativas à escola mais de perto a partir do 5º ano, momento no qual a escola o chamou para conversar sobre as dificuldades que o filho estava enfrentando.

Depois de atendê-lo por dois meses, sugeri que o pai fizesse um psicodiagnóstico para tirarmos qualquer dúvida sobre o déficit de atenção. A partir de exames feitos por um neuropediatra, confirmou-se o diagnóstico de TDHA e F iniciou com a ritalina. Em seguida, começou a apresentar crises de ansiedade e, devido a tal crise, não conseguia frequentar as aulas. Ficou um mês sem ir à escola e os trabalhos de aula eram feitos comigo em casa.

Um terceiro exemplo é de um adolescente com 14 anos, L, criado pelos avós desde um ano e meio, cujos pais chegaram a morar juntos por dois meses depois do seu nascimento. A história

desta família tem ocorrências graves, inclusive com o fato de o pai ter estado preso por dois anos por tentativa de homicídio de uma namorada. Este fato me foi relatado pelo próprio adolescente, não pela família. L apresenta um comportamento desinteressado, “não tô nem aí”. Diz que vai à escola não costuma faltar aulas só por causa dos colegas. Está repetindo o sétimo ano e quando comento que ele pode reprovar novamente, aparentemente, não se importa.

Entende-se que, nos três casos relatados, existe de comum, a dificuldade de relação com a mãe, bem como estes adolescentes cresceram em meio às brigas constantes entre os pais. Além disso, nos dois primeiros casos, G e F, nos seus diagnósticos, constaa hipótese de comportamento depressivo. Com o nascimento da irmã, G vivenciou a experiência de uma mãe em uma gestação desejada, a família em estado de júbilo pela chegada de uma menina encantadora além de acompanhar a relação amorosa e de muita dedicação dos pais com essa filha. Aquilo que faltou para G não faltou para a sua irmã.

Sobre esses casos, em específico, surgem questões importantes de se pensar: entendendo a adolescência como um período em que o sujeito constrói a sua subjetividade a partir do que recebeu do outro e usa isso para construir seu próprio saber, construindo assim, a sua identidade, como foi constituída a estrutura psíquica desses adolescentes? Nesse período, o adolescente mostra o quanto há de fissuras na “película” que lhe foi constituída no contexto familiar e social para lidar com os recursos dessa passagem. Como e de que forma aparecem ou se manifestam essas fissuras?

Segundo Toledo (2011), a forma como cada indivíduo lida com suas agonias está intimamente relacionada com o meio ao qual o sujeito está inserido. Quando há falhas neste ambiente, “*o ego, que ainda não está suficientemente integrado para suportar falhar, tentará organizar defesas; se estas falharem, o colapso (breakdown) será inevitável*” (p. 252).

Segundo Winnicott (1975), para aqueles que cuidam de uma criança, há a necessidade de uma exigência a ser cumprida. [...] *devem ser capazes de colocá-la em contato com os elementos da herança cultural, de modo apropriado, de acordo com a capacidade da criança, sua idade emocional e fase de desenvolvimento* (p. 152).

CONSTITUIÇÃO E ESTRUTURA PSÍQUICA DO SUJEITO

Para entender como se dá a constituição do sujeito, é importante abordar os três tempos do Édipo, a partir de Lacan (1999). Segundo Lacan, num primeiro tempo, acontece a relação da criança com o desejo da mãe. *“A criança fica particularmente isolada nela, desprovida de qualquer outra coisa que não o desejo desse Outro que ela já constituiu como sendo o Outro que pode estar presente ou ausente.”*(p.206). Neste primeiro momento (falo materno, oscilação dialética: ser ou não ser o falo) o desejo da criança é escravo do desejo da mãe. O eixo de toda dialética subjetiva, segundo Lacan, seria o falo. O falo desejado pela mãe que desempenha um papel importante na estruturação subjetiva da mãe. Assim o bebê vai sendo construído na relação com a mãe, que lhe fornece seus próprios significados.

Segundo Lacan (1999), o segundo tempo do Édipo (O Nome do Pai; Função Significante do Pai; Dívida Simbólica), tem como eixo o momento em que a função paterna se faz pressentir como proibidor e *“A maneira como o pai intervém nesse momento, da dialética do Édipo, é extremamente importante de considerar.”* (p.211).A criança, em sua posição de não eu, sofre abalos, na medida em que, como objeto de desejo da mãe, é tocado pela proibição do pai, onde o círculo não se fecha em torno da criança e ela não se torna totalmente objeto do desejo da mãe. A passagem do primeiro para o segundo tempo do Édipo, é vivenciada pela criança como um penetra e ela começa a disputar com o Outro. Neste momento, a mediação do pai é importante no discurso da mãe. Pode surgir sentimento de angústia pela perda do lugar, o que é salutar, para a formação da estrutura do sujeito. É um tempo de criar significação para a criança, onde ela passa a simbolizar o pai através do complexo da castração.

No terceiro momento do complexo de Édipo (Dialética do ter; Introdução do processo da Metáfora paterna; recalque Originário) o pai entra em jogo como aquele que tem.

Ele intervém nesse nível para dar o que está em causa na privação fálica, termo central da evolução do Édipo e de seus três tempos. Aparece, efetivamente, no ato de doação. Já não é nos vaivéns da mãe que ele está presente, e, portanto, ainda semivelado, mas aparece em seu próprio discurso. De certo modo, a mensagem do pai torna-se a mensagem da mãe, na medida em que agora ele permite e autoriza. [...] Por intermédio do dom ou da permissão concedidos à mãe, ele afinal consegue isto: que lhe seja permitido ter um pênis para mais tarde (Lacan, 1999, p. 212).

Neste tempo acontece o declínio do complexo de Édipo, onde se encerra a rivalidade fálica em torno da mãe e acontece uma simbolização da lei, em que o pai aparece como falo rival. A mãe

não sofre mais a privação de possuir desejos e a criança começa a perceber-se como sujeito desejante e estruturar-se enquanto sujeito.

Para Lima (2000), a capacidade de simbolizar nasce com o ser humano e estrutura-se a partir de dois movimentos: conhecer o objeto e perder o objeto. Simbolizar é sentir a perda, é olhar e substituir o objeto perdido por outro. Para que ocorra a aprendizagem é necessário perder o objeto para então ganhar e apropriar-se do outro.

Jerusalinsky (2005) baseando-se na teoria freudiana lembra que o sujeito é “fabricado” durante a infância e, por isso, sua estruturação psíquica não pode ser considerada como definitiva ou irreversível.

Assim, a dependência de um outro real (que não é a mesma coisa que depender do real do outro) para lavrar sua entrada na linguagem e, conseqüentemente, conseguir moldar esse excesso de real na ordem simbólica, coloca esse pequeno sujeito numa particular plasticidade psíquica. [...] paradoxalmente, esse excesso de real, em lugar de enrijecer as estruturas, provoca uma ansiedade produtiva que torna o sujeito mais permeável às incidências do desejo do outro, sendo, então, também particularmente permeável ao desejo do analista. (p. 10).

Sendo assim, entende-se que a criança, desde o nascimento, vive em constante aprendizado. A infância é tida como fase de descobertas, onde, nos primeiros meses de vida, sua principal referência é o cuidador, geralmente a mãe. Seu psíquico é formado, ao longo do seu desenvolvimento, a partir do reconhecimento das influências externas, da exploração dos objetos e da convivência com outras pessoas. Quando isso ocorre de forma natural e saudável, a formação da sua personalidade acontece naturalmente.

Os primeiros traços de frustração são muito marcantes. As vivências afetivas, desde a vida pré-existente, a história da família, a cultura social, o desejo dos genitores, bem como sua trajetória singular podem influenciar no processo de construção psíquica do sujeito. Desse processo de formação da vida psíquica, o sujeito desenvolve a maturação, o crescimento e a subjetividade.

Ao analisarmos as condições em que os adolescentes citados, (G, F e L) enquanto *infants*, período onde acontece a articulação ao desejo e o gozo, alguns fatores mencionados são importantes para pensarmos na hipótese de terem influenciada a constituição psíquica desses sujeitos. No caso de G a ausência da relação da criança com o desejo da mãe, no primeiro tempo do Édipo pode ser

considerada. Nos três casos, no que se refere à castração no segundo tempo do Édipo, a ausência da intervenção por parte do pai também pode se considerada.

Nos três casos, os adolescentes, durante os atendimentos, não expressam o mínimo desejo de aprender ou de realizar alguma tarefa. Com relação a F esta queixa parte da escola, dos pais e, em alguns momentos, isso também é percebido de minha parte. Da escola vem a queixa de que ele se recusa a realizar as tarefas em aula, não faz os temas e nas provas não responde às perguntas dissertativas. Quando trabalho com ele nos exercícios de matemática, por exemplo, só resolve aqueles mais fáceis. As questões que exigem mais raciocínio, ou são mais trabalhosas, ele diz que “travou” e não sabe fazer.

Durante os atendimentos tanto F como G e L, demonstram pouco interesse nos conteúdos propostos para estudo e nas atividades de aula. Eles gostam muito de fazer perguntas sobre assuntos que não fazem parte daquele momento, sobre a minha vida particular, ou, às vezes, contam algo que aconteceu no colégio. Porém, são todos assuntos superficiais, não relacionados aos conteúdos estudados. Quanto à escola, tanto G quanto L gostam de ir, pois, segundo eles, é muito legal o convívio com os colegas, fato que considero importante para a socialização. Já F, odeia a escola, costuma faltar muito às aulas.

MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO NA ADOLESCÊNCIA

VERBO SER (Carlos Drummond de Andrade)

Que vai ser quando crescer?

Vivem perguntando em redor. Que é ser?

É ter um corpo, um jeito, um nome?

Tenho os três. E sou?

Tenho de mudar quando crescer? Usar outro nome, corpo e jeito?

Ou a gente só principia a ser quando cresce?

É terrível, ser? Dói? É bom? É triste?

Ser; pronunciado tão depressa, e cabe tantas coisas?

Repito: Ser, Ser, Ser. Er. R.

Que vou ser quando crescer?

Sou obrigado a? Posso escolher?

Não dá para entender. Não vou ser.

Vou crescer assim mesmo.

Sem ser Esquecer.

Este poema de Carlos Drummond de Andrade expressa bem as questões que envolvem a adolescência, considerada como um período de rebeldia, de questionamentos, incertezas, entre outros fatores, além da busca de identidade. Na teoria psicossocial do desenvolvimento em Erikson, a adolescência é muito importante por ser a fase de transição entre a infância e a idade adulta. Neste período, acontecem fatos relevantes para a personalidade adulta.

Uma forma um tanto diferente de se entender o conceito de *self* adolescente é através das lentes da teoria de Erikson. Nesse modelo, a tarefa ou dilema central da adolescência é o da identidade versus confusão de papéis. Erikson defende que um senso de identidade precoce na criança vem parcialmente, desapegado, no início da adolescência, devido à combinação de um crescimento rápido do corpo e de mudanças sexuais na puberdade. Ele se refere a tal período como aquele em que a mente do adolescente é uma espécie de *moratória* entre a infância e a vida adulta (BEE, 1997, p. 353).

Sem dúvida, a partir dos fatores que envolvem a adolescência, considera-se fundamental o reconhecimento e a conscientização destes pelos pais, família e educadores além de saber administrá-los. Também é importante haver um acompanhamento e uma especial atenção para que essa fase de “turbulência” seja atravessada da melhor forma possível.

Segundo Papalia (2006), nesta fase, tanto os adolescentes quanto os pais passam por momentos de muita tensão. Os filhos, por se encontrarem entre a dependência dos pais e a necessidade de libertar-se e os pais por desejarem que seus filhos sejam independentes, mas têm dificuldades de “soltá-los”. Assim, se faz necessário que os pais consigam perceber a diferença entre dar liberdade e independência suficiente, limitar, e, ao mesmo tempo, protegê-los, por se tratar de um Ser ainda em formação psíquica.

Segundo Weinmann (2012), as transformações da puberdade “*implicam o desmoronamento da imagem corporal da infância. O eu infantil não contém o vigor pulsional da puberdade. O adolescente, literalmente, precisa trocar de pele.*” (p. 385). Nesta fase, as amizades parecem ser mais importantes do que a companhia dos pais. Os adolescentes compartilham confidências, principalmente as meninas. Para Papalia (2006) “*Confiar em um amigo ajuda os jovens a explorarem seus próprios sentimentos, definirem sua identidade e a validarem seu próprio valor.*” (p. 502).

Sobre a identificação na adolescência, Rassial (1999) diz que os processos são repetidos. Segundo o autor há um jogo na relação entre o ser e o ter que, além de serem verbos substantivos na gramática, se tornam auxiliares da subjetividade no que diz respeito à constituição do indivíduo.

Na infância, através de uma série de provas, o sujeito se situa em relação aos objetos pulsionais que lhe são propostos, exceto ao vir ocupar o lugar de ser ele mesmo sintoma para o Outro, precisamente a mãe. A primeira identificação sexual, que caminha do nascimento ao Édipo, leva o sujeito a poder estar (ser) do lado homem ou do lado mulher. Na adolescência, o sujeito se apropria do sintoma como sintoma sexual e, ao mesmo tempo, constitui os outros como objetos possíveis; [...] Por isso mesmo, uma vez fora do universo familiar da criança, a diferença das gerações, que tinha sustentado o interdito do incesto, toma outro sentido: os pais continuam sendo, sem dúvida, representantes do mundo dos “adultos”, mas são também recolocados em cena e em questão quanto ao seu estatuto. (p. 43-44).

Assim iniciam os questionamentos, a fase de “turbulência”, as mudanças na forma de olhar, de falar e escutar os pais gerando conflitos entre o adolescente e os pais. Segundo Rassial (1999) “*A imagem que lhes “dá”, o tom que ele “toma” para se dirigir a eles perturbam o que a infância havia organizado do laço familiar.*” (p. 49).

Cardoso (2001), coloca que na adolescência a questão edipiana retorna com fervor na sexualidade genital, momento que exige do sujeito o abandono do objeto de desejo interdito possibilitando o investir em novos objetos. Segundo a autora o objeto abandonado “*é o objeto primeiro que o inventou narcisicamente e permitiu que um dia o adolescente acreditasse ser aquele que tudo sabia sobre ele*” (p.71).

O filho, alvo do investimento narcísico dos pais, acredita ter a garantia de um afeto incondicional das figuras parentais. Abre-se para o mundo, se acha poderoso, grande, forte capaz de tudo e passa a questionar os saberes e ensinamentos dos pais. A imagem das figuras parentais também sofrem algumas alterações e passam a ser denegridas. O pai, que antes era um herói, mostra-se real, com defeitos e não apenas qualidades. A mãe, antes forte e amada, passa a ser aquela figura chata que só sabe cobrar e criticar.

[...] É preciso destruir os objetos parentais das idealizações para poder procurar novos objetos fora do círculo familiar. Tarefa árdua que implica muitas perdas. Assim, podemos observar como, antes de ir em busca de novos objetos, os adolescentes recuam, tentam disfarçadamente uma nova investida nos objetos edipianos, tentando resgatar uma situação narcísica “perdida” na ameaça de castração (Cardoso, 2001, p.72).

Entendendo, a partir dos estudos em Psicanálise, a adolescência como um período de luto, de desprendimento do corpo e da identidade infantil e pela imagem dos pais na infância. Podemos dizer que a adolescência, necessariamente, passa por uma crise psíquica, onde o velho está morrendo e o novo não consegue nascer. A criança vive num mundo de fantasia e magia e à medida que o sujeito cresce, suas fantasias e encantos vão caindo por terra. É um encontro derradeiro com a dimensão da falta e da castração.

O mundo lá fora está repleto de novidades e atrativos. Porém, ao mesmo tempo em que se torna atraente e misterioso torna-se também perigoso. Ao descobrir que seus pais não são aquelas

figuras idealizadas na infância o adolescente se vê dividido entre o seguir adiante e mergulhar para a vida, largar a garantia e a segurança até agora existentes no seio familiar, ou ignorar o mundo e permanecer na obediência e passividade.

Segundo PAPALIA (2006), a vida social e emocional na adolescência torna-se um ciclo semanal. Nesta fase, os adolescentes preferem a companhia dos amigos à dos familiares. Os dias de semana já não são tão agradáveis enquanto os finais de semana são os períodos onde acontecem as festas e, conseqüentemente, ficam mais propensos aos riscos. *”O caráter das interações familiares muda durante este período. Os adolescentes e pais podem passar menos tempo do que antes assistindo à televisão juntos”* (p.494). Entende-se, portanto, a adolescência como uma fase de descobertas, conflitos internos, oscilações de humor, bem como de oportunidades e riscos.

DESPERTAR O DESEJO PELO APRENDER NOS ADOLESCENTES: ISSO É POSSÍVEL?

Com relação aos casos relatados, como despertar o desejo destes adolescentes pelo aprender? Sobre esta questão é importante falarmos sobre a transferência. Kupfer (1997) baseando-se em Freud, diz que *“a transferência é uma manifestação do inconsciente”* (p.88). O professor, por ser um objeto de transferência, pode tornar-se a figura a quem os alunos dirigem seus interesses. Neste caso as transferências podem ser as experiências vividas com os pais. *“Na relação professor aluno, a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular, que é a pessoa do professor”*. (p.91).

Nos três casos relatados anteriormente, podemos pensar que os adolescentes lidam com a falta. Pressupondo o desejo como revelador daquilo que se refere a uma falta, é importante considerar que o professor tem o seu próprio desejo inconsciente e este pode ser transferido para o aluno, atribuindo-lhe um sentido especial. Assim, possivelmente, o aluno passará a investir no desejo de escutar a palavra do professor.

Na relação da psicopedagoga com seu cliente, assim como na do analista e do analisando é importante considerar que o adolescente, geralmente, não procura atendimento psicopedagógico tão pouco um analista por vontade própria, mas por intermédio dos pais e por indicação da escola, na maioria dos casos. Sendo assim, num primeiro momento pode haver certa recusa por parte deste adolescente pela figura da psicopedagoga e do analista.

Com relação à posição do terapeuta, para Leclaire¹ “ *Se o psicanalista está na sua posição, numa posição, não há mais análise.*” De acordo com Rassial (1999), num primeiro momento, o analista pode ser rejeitado pelo adolescente e este, manter-se em silêncio, recusando-se a falar. A figura do analista e a sua capacidade de ouvir de forma diferente da dos adultos com os quais convive também é questionada. O silêncio do adolescente deve ser reconhecido pelo analista como um dizer e não um dito, como um ato e não como um sintoma. Ao analista cabe responder à solidão do adolescente com a sua própria solidão sem adotar uma postura de autoridade, mas deixando-o à vontade e respeitar o seu tempo.

Durante os atendimentos com F, geralmente, na intenção de dividir um pensamento, um sentimento ou um segredo, ele pergunta se vou falar com o pai ou pede para eu não contar para ninguém o que ele vai falar. Entendo neste comportamento, a necessidade de escuta por parte deste adolescente e ao mesmo tempo o seu desejo de tornar-me cúmplice. Em algumas ocasiões ele chegou a falar que não aguentava mais o pai, nem a Terapeuta Ocupacional porque eles ficavam o tempo todo fazendo cobranças e chamando a sua atenção, pois tudo o que ele fazia estava sempre errado. Disse-lhe para conversar sobre essas questões com a psiquiatra, durante a terapia, porém ele respondeu que a terapeuta defende muito o pai e que não adiantaria nada falar com ela.

Sobre esse prisma, Rassial (1999) aponta a necessidade de o analista ter um exercício de autoanálise no que se refere à relação com o adolescente. Segundo o autor, o analista pode fracassar ao produzir apoio identificatório, pois estará sustentando o adolescente fraco com sua pretensa força e equilíbrio. Também pode fracassar quando partilha com o adolescente da mesma fraqueza egóica.

A transferência do profissional seja quem for (terapeuta, psicopedagoga, professor, psicólogo...) em relação ao cliente ou aluno, devido às reações emocionais relacionadas à sua própria vivência, deve ser controlada, consciente e adequada. O analista também não deve ser considerado, pelo adolescente, Rassial (1999) como mestre, tão pouco colocar-se na posição de mestre como aquele que tudo sabe e tem resposta para tudo, mas abrir as questões deixando-as abertas.

No momento do atendimento em que F fez estes comentários, estendi as minhas duas mãos em sua direção e ele deu-me as suas mãos. Então propus que fizéssemos um “contrato de fidelidade” (estávamos estudando este assunto na disciplina de história sobre o contrato de fidelidade entre o vassalo e o suserano). Neste “acordo” disse-lhe que as duas partes tinham que

¹Leclaire, Serge - Autor citado em texto trabalhado em aula. Posição e papel do psicanalista na cura do adolescente, p. 161, de Rassial (1999) conforme consta nas referências deste trabalho.

colaborar: de minha parte, eu estava ali para ouvi-lo, quando sentisse necessidade de falar alguma coisa, mas que eu também precisava trabalhar com os conteúdos da escola, pois fora para isso contratada. Sendo assim, era preciso que ele também fizesse a sua parte como acordar mais cedo para quando eu chegasse ele estar disposto e se esforçar em realizar as tarefas e propostas que tínhamos para fazer. Caso contrário, de nada adiantaria a minha presença ali. Ele sorriu, apertou as minhas mãos com muita força e disse: “combinado”.

No próximo atendimento, na semana seguinte (os atendimentos acontecem às terças e quintas) quando chegueia sua casa F já estava na porta me esperando e assim que entrei, ele mostrou-me seu caderno e disse: “Olha a minha letra! Está bonita né! Eu estou escrevendo tudo com caneta!” (sempre escreveu a lápis). “Também estou sublinhado todos os títulos!”. Percebi sua alegria e seu entusiasmo ao me mostrar seu caderno e aproveitei para elogiá-lo bastante. Logo que sentamos para trabalhar ele disse que tinha uma folha de exercícios de matemática - isso nunca tinha acontecido antes, pois ele escondia as folhas de exercícios e dizia que não tinha nada para fazer - e manifestou o desejo de resolvê-los sozinho. Respondi que sim e corregeríamos juntos depois. F iniciou os exercícios e indagou se poderia perguntar caso tivesse alguma dúvida. Respondi afirmativamente. Não sei dizer quem estava mais feliz naquele momento, se eu ou ele.

Enquanto ele realizava a atividade fiquei pensando em como eu conseguira despertar naquele Ser que estava diante de mim com uma postura totalmente diferente das dos encontros anteriores, o desejo de realizar as tarefas. Teria eu conseguido transmitir o meu desejo de aprender? Ao pegar as suas mãos eu teria conseguido mostrar a F que eu estava ali, desarmada, com a intenção de ouvi-lo e ajudá-lo e não para criticar ou chamar a sua atenção para o que estava certo ou errado? Eu não era sua mãe, tão pouco seu pai, nem aquela pessoa que tudo sabe e, muito menos cúmplice, mas uma pessoa disposta e desejosa a entendê-lo.

Percebo, nos atendimentos com os adolescentes, que consigo estabelecer uma relação de parceria, de cumplicidade, mas não no sentido de esconder alguma coisa, mas fazer com que eles se sintam à vontade para falar sobre aquilo que os incomoda. Acredito que o meu desejo, como educadora, de despertar o desejo no adolescente pelo aprender acaba o contagiando. Por diversas vezes ouvi dos adolescentes que a aula estava divertida e que não era tão ruim assim estudar. Muitos dizem que a matéria não é tão difícil, mas quando a professora explica em aula, parece impossível de aprender. Procuro sempre lembrá-los que em sala de aula tem os colegas que podem distrair a sua atenção e, durante nossos encontros, somos apenas duas pessoas e, por isso, é mais fácil manter o foco nos estudos. Além disso, pesquisar e aprender coisas novas que nos interessam, de maneira descontraída é mais prazeroso.

CONFLITOS FAMILIARES

Em relação à família, Sanches (2002) fala sobre a necessidade do olhar para a família moderna. A partir das duas grandes guerras mundiais, a mulher passou a ocupar um lugar no mercado de trabalho. Sendo assim, *houve uma mudança no lugar da mulher na sociedade e na família* (p.12). Como consequência, o papel do homem também se modificou. Segundo Sanches, há uma confusão em relação aos papéis de cada um. Antes, o homem ocupava o lugar de provedor, o qual lhe dava certa segurança, o contrário do que acontece atualmente. Para a mulher, sobrou uma dupla jornada, seguida de sentimentos de esgotamento, insatisfação e abandono e, por consequência, surge a sensação de insegurança no casal. A mulher, mãe, por ter que dar conta de tudo assumindo a maioria das responsabilidades passa a representar a figura maior ou mais importante e ao mesmo tempo, fragilizada no seio familiar. O homem, pai, sentindo, gradativamente, a falta de “poder” e respeito sobre a família.

As normas de educação dos filhos também têm passado por transformações. As divergências entre o que é certo e errado, permitido ou proibido, falta de limites, geram desentendimentos entre os pais, pois estes acabam não falando a mesma língua (um diz que sim, outro diz que não).

Sobre este prisma, Sanches (2002) fala sobre o desamparo em que a mãe se encontra quando diz:

A mãe não tem onde se apoiar para se sentir segura da justeza de sua exigência; sente que sua experiência pouco vale, e nada tem para colocar no lugar. Mas também a filha fica entregue aos próprios desejos, sem uma lei clara que lhe dê limites e padrões. Esses são fundamentais, mesmo que somente para serem desafiados. A criança e o adolescente necessitam de alguém que lhes indique caminhos; alguém forte o suficiente para impedi-los de realizar gestos destrutivos para si mesmo ou para o outro, e que sobreviva à sua rebeldia (p.13).

É comum hoje em dia ouvir dos pais que não querem que seu filho passe pelas mesmas frustrações que eles passaram na infância ou quando adolescentes. Assim, não medem esforços para dar-lhe o que quer e quando quer e até mesmo, o que não quer. O resultado desta postura, é que o filho passa a ser objeto narcísico dos pais. Não conseguem olhar para aquilo que seu filho necessita, apenas enxergam a si mesmos, para aquilo que eles, os pais, gostariam de ter tido.

Cordiê (1996), sobre a crise da adolescência, questiona: *“De onde vem o mal-estar e de que é feita a crise de adolescência? É um momento de separação, de ruptura, de quebra. É antes de tudo um trabalho de luto que se delineia na entrada da adolescência.”* (p.198). Segundo a autora é uma fase de renúncia à segurança da infância e a seu meio protetor onde o adolescente não pode mais recuar diante dos imperativos de maturação sexual.

Trata-se, portanto, de uma fase de conflitos internos que provocam sofrimento, insegurança e instabilidade emocional tanto para o sujeito quanto para os seus pais. Nesta fase o adolescente pode apresentar comportamento agressivo, transtorno de humor e opor-se a tudo e a todos. Em relação à escola, pode apresentar um mau comportamento e queda nos resultados avaliativos.

Ainda, segundo Cordiê (1996), *a contradição entre o desejo de se afastar da família, de se tornar autônomo e o desejo de ficar sob sua proteção é uma contradição difícil de ser vivida pelo adolescente, bem como para os pais* (p.198).

Na fase da adolescência, como a qualquer momento, podem ocorrer conflitos familiares. Papalia (2006) coloca que *“independentemente da etnicidade, a quantidade de discórdia familiar parece depender, sobretudo das personalidades dos adolescentes e do tratamento que os pais lhe concedem”* (p.496). Além disso, a autora salienta que os conflitos mais frequentes ocorrem no início da adolescência, porém, são mais intensos em meados da adolescência. Conforme os adolescentes experimentam sua liberdade, as discussões podem diminuir a partir de uma renegociação do equilíbrio de poder entre pais e filhos. Por outro lado, a frequência dos conflitos pode diminuir pelo fato de os adolescentes ficarem menos tempo na companhia dos pais.

Pelo que tenho observado, a partir dos atendimentos a adolescentes e crianças, essa tese se confirma. Percebo a cada dia mais os pequenos mandando nos pais, exigindo o que querem e, às vezes, apontando-lhes o dedo. Quanto aos adolescentes, percebo impaciência, intolerância e desinteresse aos conselhos e às “ordens” dos pais. O espaço escolar serve para socializar, o que se faz muito necessário, mas fica apenas nisso. Deixam tudo para a última hora e, quando recebem o resultado do boletim escolar, ficam decepcionados. Parece que a ideia que eles têm, talvez pelo fato de ganharem tudo sem o menor esforço, é que na escola também vai ser assim. Que não precisam se esforçar, pois o resultado “cairá do céu”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da minha experiência pessoal e profissional em relação à dificuldade de aprendizagem e ao fracasso escolar, percebo que, hoje em dia, os pais estão terceirizando o “cuidar” e o educar dos filhos. Passam cada vez menos tempo perto deles, por trabalharem fora, e a maioria das crianças frequentam escolinhas infantis desde pequenos. Outras ficam com cuidadores, babás e/ou avós, que não têm autonomia nem autoridade para impor limites. Alguns pais parecem incapazes de assumir as suas responsabilidades em relação aos seus filhos. A maioria dos adolescentes que atendo passam o período que não estão no colégio, em casa, sozinhos. Isso tem provocado insegurança, ansiedade, entre outros sentimentos de ambas as partes.

Iniciei meu trabalho com crianças e adolescentes em 2007 em uma clínica, onde locava uma sala para os atendimentos. Nessa época atendi um menino que estava no primeiro ano com muita dificuldade na alfabetização. A indicação foi por intermédio de uma colega - fizemos juntas a graduação em pedagogia e a especialização em psicopedagogia. Este atendimento foi o primeiro que realizei a domicílio, pois a criança ficava com a avó e tinha dificuldades de levá-lo à clínica. Como ele estava em terapia com uma psicóloga, minha colega entendeu que eu poderia auxiliá-lo com um reforço pedagógico em casa. A partir deste atendimento, devido aos bons resultados, as escolas começaram a me indicar para outros pais e, nos últimos cinco anos, estou atendendo apenas a domicílio.

Tenho formação em pedagogia e especialização em psicopedagogia e arteterapia. Com os atendimentos a domicílio, percebo aquilo que muitos profissionais da área da psicologia, da psicopedagogia, neurologia, entre outros, não conseguem ver, por estar no contexto familiar. Percebi a diferença numa ocasião quando iniciei um atendimento como um menino que estava no sexto ano. Iniciei os atendimentos na clínica e, durante a anamnese, colhi algumas informações e ao passar a atendê-lo a domicílio, percebi que não eram conforme a mãe tinha relatado. Com o atendimento na clínica as informações chegam “mascaradas” enquanto na residência ficam mais claras.

Algumas situações que vejo hoje nas famílias que atendo estão relacionadas aos papéis e limites de cada componente daquela família. Os filhos sem limites, sem hora para dormir, para acordar (isso não acontece apenas com os adolescentes). Alguns adolescentes dormem tarde, não conseguem acordar cedo, saem de casa para a escola sem tomar café, quase sempre chegam atrasados, às vezes perdem o primeiro período de aula e muitos dormem durante a aula, conforme eles mesmos relatam.

No período que estão em casa, sozinhos, no caso da maioria dos adolescentes que atendo, dormem a tarde inteira e depois ficam no computador até tarde. No caso de um adolescente que atendi numa quarta-feira e na semana seguinte não o atendi, pois ele estava gripado, com febre e medicação, os livros, materiais e atividades de aula, inclusive trabalhos prontos que deveriam ter sido entregues, estavam do mesmo jeito que tinham ficado quando eu estivera com ele. Ele perdeu nota, porque o trabalho passou do prazo de entrega e perdeu duas provas que conseguiu realizar depois devido ao atestado.

Quando fui avisada pela mãe do adolescente que não trabalharia com ele na semana, procurei avisá-la, por e-mail, dos trabalhos que ele tinha para entregar e já estavam prontos era só imprimir e entregar na escola. Ela agradeceu e nada foi providenciado. Este fato chamou a minha atenção devido à postura dos pais em relação aos assuntos escolares do filho. Por um lado, demonstram a preocupação em atender as necessidades contratando uma pessoa para auxiliá-lo nos estudos, por não terem tempo. Por outro lado, a impressão que se tem é que a partir do momento que estão pagando a escola e o profissional para suprir as dificuldades, estão lavando as mãos, ou seja, não assumem nenhum compromisso a não ser pelo pagamento desta “terceirização”.

Em alguns casos, os pais, para amenizar a culpa de não terem tempo para os filhos, tentam compensar a falta dando-lhes presentes, satisfazendo as vontades dos filhos. O pouco tempo que passam com eles não será para repreendê-los. Muitas vezes, dividem o mesmo espaço, porém cada um no seu celular, no seu mundo virtual. Não existe mais o hábito de assistirem a um filme juntos ou conversarem sobre algum assunto durante o jantar. Assim a satisfação pessoal é imediata, porém vazia. Por outro lado, os filhos exigem cada vez mais suprir esta ausência.

Com os avanços da tecnologia, a escola está sempre atrás. Não é mais atrativa. Enquanto em casa eles têm jogos e internet à disposição e ficam horas na frente do computador. Alguns adolescentes passam a madrugada jogando e depois não conseguem acordar para ir à escola. Alguns pais dizem aos filhos, quando dizem, que eles têm a obrigação de estudar e apresentar bons resultados no final do trimestre. Muitas vezes recolhem os aparelhos celulares ou cortam o uso do computador com a intenção de forçá-los a obedecer. Mas isso nem sempre funciona, pois vira uma “queda de braço” entre pais e filhos para ver quem tem mais poder. Nem sempre os pais conseguem sustentar esta condição, perdendo a autoridade perante os filhos.

Sem dúvida, a adolescência é uma fase de muitas mudanças e conflitos. Há uma ruptura com a criança tanto para os pais como para os jovens. Isso implica muita paciência, conversa e orientação. Nem sempre os pais estão preparados para enfrentar e atravessar esta fase. Geralmente necessitam da orientação e do suporte de um profissional. É notável, em alguns casos, que a fase da

adolescência atualmente, dependendo da situação, é mais estressante para os pais do que para os filhos.

Algumas questões são importantes de serem consideradas, no que se refere à passagem da infância criança para a adolescência. Para os pais cada fase é um desafio que exige posturas diferentes. Além do fato de os filhos crescerem, os pais tem que lidar com a situação de que isso significa seu envelhecimento. Assim como para o adolescente existe o luto pela perda da criança, para os pais também existe um luto. Muitas questões, dúvidas e numerosas crises de existência tomam conta do âmbito familiar. Ao mesmo tempo em que os adolescentes esperam e desejam pela liberdade é importante para eles terem a certeza de, que terão a proteção e o aconchego do lar.

Retomando a questão da transferência e do desejo de aprender, lembro-me de um caso que atendi há alguns anos atrás. Conheci a mãe desta adolescente, pois atendia crianças da escola onde ela trabalhava. Na ocasião, a mãe ligou-me solicitando atendimento para a filha que estava no sexto ano e apresentava dificuldades na disciplina de matemática. Na época eu atendia crianças, pois trabalhava com ênfase na alfabetização. A mãe disse que precisava de alguém de confiança, pois a filha ficava em casa sozinha e que era somente para eu auxiliá-la na organização com os estudos e que ela não estava conseguindo fazer isso, pois trabalhava todas as tardes.

No primeiro atendimento, ouvi da adolescente que ela odiava a matemática por ser impossível de compreender. Eu respondi que adorava matemática por ser uma matéria com muitas possibilidades de se chegar ao resultado final de várias formas. O vínculo estabelecido entre nós foi muito bom. Ela passou a entender algumas questões que ficaram com lacunas lá no início, ainda na tabuada e, enfim, meu trabalho foi de desconstrução e construção de algumas dúvidas. Em cada encontro eu dizia-lhe que ela iria gostar da matemática ao que ela sempre respondia: “isso é impossível”! Conforme o tempo foi passando, as notas foram melhorando e numa ocasião a mãe enviou-me uma mensagem perguntando o que eu tinha feito porque a filha só falava na matemática, que tinha tirado uma nota alta, etc.

A partir desse atendimento e dos resultados iniciaram as indicações desta orientadora para outros casos que também tiveram resultados satisfatórios. Além da pedagogia, minhas experiências com a psicopedagogia e arteterapia auxiliaram-me nas intervenções junto às famílias. Meus atendimentos não se limitam a aulas particulares. O contato direto com as famílias e o fato de eu estar trabalhando dentro do espaço onde essas famílias convivem é muito rico para esse trabalho, pois vejo e entendo muitas questões. Este foi um dos motivos pela minha busca na teoria psicanalítica. Cada dia mais se torna necessário esses estudos para atender as demandas.

Diante desses fatos, uma das questões recorrente é com relação a como despertar o desejo nestes adolescentes pelo movimento do aprender? A maioria dos pais diz que já tentaram estudar com seus filhos, mas que não dá certo, e sempre acabam brigando. Então entra uma terceira pessoa que não é da educação formal e sem assumir posição de mestre, nem de psicóloga, mas de uma pessoa que não sabe tudo junto com eles quando não sabe a resposta e de forma indireta mostra-lhes como estudar e onde estudar. A partir dos estudos realizados, durante o curso de especialização, entendo que o meu desejo de conseguir fazer com que eles aprendam e entendam o meu discurso é transmitido através da transferência. Além disso, esses atendimentos transformaram-se num espaço onde eles podem falar como e o que quiserem. Eu os escuto e eles me escutam. Ali acontece uma troca.

Costumo, nos meus atendimentos, sempre trabalhar com um jogo ao final de cada encontro. São jogos que envolvem pensamentos lógicos ou de memória que trabalham a atenção, concentração e persistência. Em uma ocasião estava trabalhando com um adolescente de 13 anos e o desafio proposto era de montar um quadrado com peças coloridas de diferentes tamanhos, porém as cores não poderiam ficar encostadas. Ele demorou muito para conseguir montar. Ficou bastante tempo com uma peça azul na mão então perguntei se eu poderia dar-lhe uma dica. Eu estava ficando agoniada, pois sabia o que ele poderia fazer para conseguir encaixar a peça. Ele respondeu que sim, um tanto desanimado, talvez frustrado pelo fato de não conseguir concluir. Então lhe mostrei um caminho e ele disse: “Bah! Como não vi isso??”

Em seguida, disse-lhe para focar no quadrado montado que eu contaria até dez, tempo que eu daria para ele memorizá-lo. Depois desconstruí o quadrado e desafiei-o a tentar novamente. Ele, de posse das peças, disse que iria montar diferente. Reparei que ele começou a montar as peças uma em cima da outra. Como eu nunca tinha tentado fazer desta forma deixei-o fazer para ver o que acontecia. Ele teve dificuldades para terminar, mas como estava acabando o nosso tempo eu pedi-lhe permissão para ajudá-lo, pois ele disse que ele tinha inventado outra forma de montar o quadrado e eu estava curiosíssima para saber se daria certo.

Enfim, conseguimos terminar e eu o convidei para refletirmos sobre o que tinha acontecido naquele momento. Lembrei que eu tinha lhe proposto um desafio e que ele resolveu fazê-lo de outra forma que também dá certo. Disse-lhe que ele tinha me ensinado, pois nunca havia tentado fazer assim. Ele ficou muito feliz em saber que tinha inventado algo novo e que tínhamos resolvido à questão em parceria. Parabenizei-o e agradei dizendo que eu tinha aprendido muito com ele e como já estava na hora de encerrar nos despedimos.

Quando cheguei à casa do outro adolescente (G, caso citado anteriormente) que iria atender em seguida, comentei o que tinha acontecido. Ele já conhecia este jogo, pois já havia montado com facilidade e quis montá-lo desta nova forma. Desta vez, precisei ajudá-lo, porém, quando terminamos, ele disse que se nós desmontássemos o quadrado na mesa na ordem em que estavam as peças o quadrado seria montado com as peças somente na posição horizontal. Para minha surpresa, percebi, mais uma vez que nunca tinha sido montado assim. Então, como fiz com o outro adolescente, convidei-o a refletir sobre a troca que aconteceu naquele momento. Assim como eles aprendem comigo eu aprendo muito com eles. Nesse caso entendo a relação professor aluno como uma parceria onde acontecem muitas trocas. Penso que este movimento seja um caminho para que eles adquiram maior confiança em si mesmo assim como aumenta a motivação e o desejo pelo aprender.

Talvez eu esteja numa posição de conforto por eu não ser analista, nem professora formal. Sei que adoro trabalhar com os adolescentes e meu desejo hoje, além de auxiliá-los na aprendizagem é poder intervir junto aos profissionais (psicólogos, neurologistas, etc.) que os atendem e à família para contribuir de algum modo no tratamento sempre respeitando cada profissão e tendo ciência do lugar que ocupo.

Por isso, entendo que se torna muito importante a busca por profissionais que possam auxiliá-los a compreender essa fase e entender suas dificuldades, no caso de crianças e adolescentes com dificuldade de aprendizagem. Também é fundamental haver uma interação entre as partes responsáveis, família, escola e terapeutas bem como o comprometimento de todas as partes para a obtenção de melhores resultados.

Acredito na necessidade e importância dos conflitos internos e nas discussões familiares para o desenvolvimento e crescimento do adolescente na busca da sua autonomia e identidade. O questionamento crítico se faz necessário neste processo. Porém, é fundamental que os pais entendam esse processo como temporário, mas, ao mesmo tempo, fiquem atentos para que a relação familiar não fique enfraquecida ou desestruturada. Enfim, encontrar o equilíbrio... Uma utopia!

REFERÊNCIAS

- Bee, H. (1997). Comportamento social e personalidade na adolescência. In Bee, H. *O ciclo vital*: trad. Regina Garcez (pp.349- 386). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cardoso, M. R. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In Cardoso, M. R. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. (pp. 69-79). 1. ed. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ.
- Cordiê, A.(1996). A psicose. *Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar*. (S.Flach& M. D'Agord, Trads.) (pp.167-208). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fraga, É. Ilustração Maria Eugênia. A educação não cognitiva ganha espaço. Folha de São Paulo: 15/03/2015.
- Gurski, R. (2012).Três ensaios sobre juventude e violência.(pp. 17-33). São Paulo: Escuta/Clínica MaudMannoni,
- Jerusalinsky, A. (2005). Quem analisa crianças? C. da APPOA, Porto Alegre: n. 134, (p. 7-14) abr.
- Kupfer, M. C. (1997). A aprendizagem segundo Freud. In. Kupfer, M. C. *Freud e a Educação: o mestre do impossível*. São Paulo: Editora Scipione, 77-100.
- Kupfer, M. C. (1999).Freud e a Educação, dez anos depois. In. *Psicanálise e educação: uma transmissão possível*. Revista APPOA – Ano IX – nº 16 – julho p. 15- 26.
- Lacan, J. (1999). Os Três tempos do Édipo. In Lacan, J. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. (Ribeiro, V. & Vieira, M. A. Trads.) (pp. 204-220). Rio de Janeiro; Zahar.
- Lima, T. A. C. (2000) A aplicação do conto de fadas: Branca de neve no espaço psicopedagógico. (pp. 25-42). São Paulo: Vetor.
- Paola, D. (2010). Adolescência Virtual. *Revista Associação Psicanalítica Porto Alegre*, Porto Alegre, 38, p. 29-38, jan/jun
- Papalia, D. E; Olds, S. W& Feldman, R, D.(2006). Desenvolvimento Psicossocial na Adolescência. In. Papalia, D. E; Olds, S. W& Feldman, R, D *Desenvolvimento Humano*. (pp. 473-510). Porto Alegre: Artmed editora.
- Rassial, J.(1999). Adolescência, só-depois do estádio do espelho.In.Rassial, J. *O adolescente e o psicanalista*. (L. M. F. Bernardino, Trad.). (pp. 43-52). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Sanches, R. M. (2002). A educação na cultura contemporânea. In.Sanches, R. M.*Psicanálise e Educação. Questões do cotidiano.* (pp. 11-16). São Paulo: Escuta.

Weinmann, A. O. (2012). Juventude Transgressiva: sobre o advento da Adolescência.*Psicologia e Sociedade*: 24 (2), 382-390.

Toledo, S. (2011).Há monstros dentro do armário? Uma experiência clínica à luz da teoria winnicottiana. In: *O Pensamento de Winnicott: A clínica e a técnica.* Coleção: Psicanálise Winnicottiana. (R. Reis Org.). Editorial DWW.

Winnicott, D. W. (1975) O lugar em que vivemos. In. Winnicott, D. W. *O brincar e a realidade.* (pp. 145-152). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda .

Winnicott, D. W. (1975).O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In *Winnicott, D. W. O brincar e a realidade.* (pp.153-162).Imago Editora Ltda. Rio de janeiro, RJ, 95 – 120; 153 – 162.

Winnicott, D. W. (2000).O ódio na constratransferência. In.Winnicott, D. W.*Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*(D. Bogomoletz trad.) (pp. 277-287).Rio de Janeiro: Imago Ed.